

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 135

PARA A CAPITAL: Semestre 5\$000—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

## OS HISTORIADORES ANTIGOS



O seculo XVIII vio nascer um sciencia nova „Scienza nuova“ que tem sido uma das causas mais poderosas da reforma dos estudos historicos, — a philosophia da historia.

Vico, tirando dos factos que o estudo do passado lhe ministrava a lei do nascimento, organização, progresso e decadencia dos povos, lançou as bases de uma sciencia positiva que nós ainda não conseguimos edificar, e cuja constituição tem de ser talvez a maior gloria da geração que começa.

Vico errou em muitos pontos. Observou mal, e do que observou bem concluiu a miudo viciosamente.

Mas os serviços que lhe devemos são essenciaes. A grande descoberta foi a idéa, a „lembrança“, como se costuma dizer. D'ali para diante o caminho era ainda fragoso, estreito, difficilado por muitos e formidaveis obstaculos naturaes, mas sabia-se onde começava, conhecia-se a direcção que seguia, e antevia-se aonde ia dar.

A philosophia na historia não era novidade quando Vico escreveu o seu tratado. Raro historiadador se encontrará, ainda entre os mais aridos analistas, que não procure, uma vez ou outra, communicar ao leitor as reflexões que os factos narrados no seu livro lhe suggerem.

Desde as profundas considerações que Thucydides condensa em uma só phrase até ás divagações do engenhoso Plutarcho, encontramos, no tempo da litteratura historica da antiguidade, exemplos numerosos para mostrar a verdade desta noção.

E nem só nos historiadores. Aristoteles, o politico experimental da Grécia, e Cicero e Hora-

cio, os philosophos, os oradores, os poetas, todos fazem o seu juizo, todos aprecião, commentão, refutão, os escriptos e os escriptores.

Mas isto não é sciencia. Assim não se estudão factos, não se estabelecem principios, não se formulão leis.

De opiniões individuaes, muitas vezes infundadas, temerarias, caprichosas, determinadas por accidentes, nunca se póde formar um corpo de doutrinas susceptivel de ser conservado, transmitido e sujeito ás progressivas modificações da sciencia.

\* Depois de Vico, mas antes da divulgaçõ do seu systema, offerece-se á nossa consideração um exemplo insigne, que mostra a superioridade dos methodos modernos, em parte devidos á philosophia da historia.

Gibbon, o grande historiador da „Decadencia e queda do imperio romano“, o homem a quem devemos a construcção do maior monumento historico que se encontra desde a composiçõ das „Decadas“ de Tito Livio até o começo do seculo actual, não logrou aproveitar inteiramente os dotes do seu raroengenho e os subsidios da sua extraordinaria erudição.

A sua obra não póde ser lida sem grande cuidado, sem critica severa, e, é triste dizel-o de livro tamanho, sem profunda desconfiança.

Que faltou a Gibbon? Comprehender a acção do christianismo e a missõ dos Barbaros.

Faltou-lhe a philosophia da historia.

A historia não tem de reproduzir fiel e servilmente todos os factos conhecidos.

Deixa esse trabalho ao chronista, ao erudito, ao estatistico.

A historia escolhe, e, resuscitando o passado com as suas opiniões, as suas instituições, as suas crenças e os seus costumes, revela aos ho-

mens de hoje os seus antecessores, não como elles se considerão, mas como realmente forão.

O campo é vastissimo. Falta muito que arrotear.

Mas os resultados são já deslumbrantes.

E' incontestavel para quem estuda sériamente estas cousas que nós conhecemos muitas épocas de que restão valiosos monumentos historicos melhor do que as conhecião os proprios informadores que nos instruem.

Gorte corrige Xenophonte e Plutarcho, ia quasi a dizer que sabe da guerra do Peloponeso o que Thucydides nunca soube; Niebuhr reconstrue a primitiva historia romana graças ás lendas que Tito Livio nos transmite, sem lhes dar inteiro credito; Augustin Thierry diz a respeito da conquista da Inglaterra pelos Normandos tudo o que referem os seus fiadores e muitas cousas que elles ignoravão; finalmente, tenho como certo que a leitura da „Igreja romana e o primeiro imperio“ do conde de Haussonville causaria profunda surpresa aos personagens do drama que esse admiravel livro nos reproduz, se lhes fosse dado ouvir a sentença que a seu respeito foi imparcialmente proferida no tribunal da historia.

D'aqui se vê que os exploradores do mundo antigo não pôdem limitar-se a compulsar os narradores, os biographos, os jurisconsultos e os eruditos.

Em todo o corpo da litteratura, nas reliquias das artes, nas moedas, nos monumentos epigraphicos, ha uma cópia immensa de noticias, cuja importancia é capital, e sem o conhecimento das quaes ninguém poderá comprehender aquellas sociedades.

Mas não terão os historiadores antigos, esses homens cujos nomes desde criança aprendemos a venerar como de mestres, como de grandes, como de herões da litteratura, algum merito particular que justifique a persistencia dos louvores que todos lhes tributão?

O nosso respeito pelas suas obras será superstição?

Hoje que os escriptores, guiados por methodo mais perfeito, recorrendo ás mais numerosas informações, trabalhando mais aturadamente, nos apresentam quadros mais vivos e mais fieis das sociedades extinctas, será necessario, será util, voltar esses livros velhos cujo cabedal scientifico passou para os seus felizes herdeiros?

E' util e é necessario.

Os Gregos e os Romanos forão o que nós não somos na historia.

Forão artistas.

Entre nós ha excepções a esta regra. A composição da grande obra de Augustin Thierry é magistral.

A narração da batalha de Hastings; o livro nono da „Historia da conquista da Inglaterra“ são dignos da antiguidade.

Na „Historia da França“ de Michelet ha paginas de inspirada poesia como raramente encontramos nos livros dos poetas.

Na „Historia da conquista do Mexico“ de Prescott, na „Maria Stuart“ de Mignet, a perfeição da fórma é igual á profundesa da concepção.

Mas, sem embargo, neste campo os antigos triumphão.

Correcção do estylo, sciencia da composição, naturalidade extrema de filha paciente, lavor artistico, simplicidade, elegancia, gosto, e, a par de todas estas excellencias, grandesa epica no plano, vivacidade dramatica na acção, desenho puro e colorido expressivo na pintura dos homens, são cousas que ainda hoje parecem privilegio daquelles mestres, tão grande é a sua superioridade.

Os antigos respeitavão ingenuamente os seus leitores.

Querião instruir, mas fazião-n'o associando bello ao util.

Estaremos nós condemnados a separar quasi sempre o que elles unirão?

LUIZ GARRIDO.

JULIA

—♦♦♦—

A' J. P. Ortiz

—o—

Era essa moça triste e pensativa,  
Essa moça franzina e delicada,  
Uma estatua de marmor prateada  
Aos clarões do luar — meditativa.

Com a fronte na dextra reclinada,  
Quando a pallida estrella fugitiva  
Alongava seus raios pela ogiça,  
Ella scismava em sonhos embalada!

Como a crystallea perola d'orvalho,  
Que aos beijos da manhã treme no galho,  
O sol dissipa; assim ella morreu!...

Hoje a terra devora a formosura  
Daquelle corpo, na athmosphera impura  
Do sumptuoso e rico mausoléo!

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.

## NERA



Uma larga piscina, obra de um grego artista,  
Abrahe da alcova em meio a fascinada vista.

De trabalhado bronze um Pan malicioso  
Blaga na tenue flauta um canto harmonioso.

Uma estatua do Amor, de Paros cor de rosa  
Entre verdes festões assoma graciosa.

Em jarras de Corinto esmaião bellas flores,  
Espalhão-se no ar suavissimos olores.

Objecto é de mosaico, e ornado de figuras;  
Um pela parede eroticas pinturas.

Abre as mezas de jaspe, orladas de embutidos,  
Repousão joias de ouro, esplendidos vestidos.

Nas purpuras do leito eburneo uma creança  
Dormita; a luz do sol lhe beija a loura trança

Formosa! vista assim no leito adormecida,  
A nyade gentil em relva humedecida.

Murmura do clepsydro as aguas. No emtanto  
Com seu corpo estira em placido quebranto.

Abre — felino geito! — os labios cor de rosa,  
Como em busca de um beijo, a dama voluptuosa.

Quisa! julga sentir no rosto de açucena  
Os beijos de Bactylo, o gladiador da arena.

Subito, em toda a Roma a plebe dissoluta  
No circo! ruge e grita; a dama acorda e escuta.

Segue o corpo de neve a linda Galatée,  
No circo! e em seu olhar sorri ignota idéa...

GONÇALVES CRESPO.

## AZUES E NEGROS



Desde que abrimos os olhos á vida, até que a morte os cerra á leira do sepulchro, quasi pode dizer-se que os olhos são o transparente crystal onde se reflectem os sonhos tranquillos e as grandes lutas de nossa alma.

Á luz que brotou do olhar do Eterno, perdida em a noite do cahos, foi a primeira que iriou suavemente nossas pupilas na aurora da vida.

Os olhos reflectem a luz, porque o primeiro que transparece nos olhos dos meninos é o céo.

Dizei-me vós outras, enamoradas mãis, anjos de familia, deusas do amor do lar, dizei-me o que haveis aprendido no primeiro olhar de vossos filhos, dizei-me o que haveis aprendido no primeiro albor de uma alma virgem, naquelle reflexo suave que inunda vosso coração.

Amantes desvelados, a noite é o grande altar de vossos idolos; a lua os desafia; o ar que passa em um suspiro do ser que os ama: ha muitas sombras; olhai o céo e não divisais mais que os pontos perdidos das estrellas, viajoras da noite; olhai a terra e os envolveis em uma nuvem de trevas.

Sem embargo, dizei-me o que buscais atravez do espesso muro da escuridão; dizei-me se apesar de que tudo coberto pelo manto da noite, não haveis lido em um olhar enlouquecedor todo um poema de amor.

Navegantes perdidos na immensidade das ondas, peregrinos do deserto mar, dizei-me se quando o navio se arrastava sobre o abysmo e as nuvens baixavão até vós outros, rotas pelo trovão, e o baixel ameaçava afundar-se, não havieis seguido constantemente o olhar do que manejava o timão, estudando-o como o barometro da desgraça.

Dizei-me se o olhar do capitão não os ha animado com um reflexo de esperanza ou aterrado com um seguro signal de perigo certo.

O olhar é uma linguagem muda, que, se não falla ao ouvido, falla sempre ao coração,

O olhar do moribundo nos diz alguma cousa do céo.

Recordai os versos de um poeta ao ultimo olhar do que expira :

« Mas outra ves miró: postraos de lincjos  
Que el último mirar del moribundo,  
No está sujeto a nuestros pobres ojos  
Es todo para Deus, nada es del mundo.»

O céu olha as fontes e os lagos, e por isso a fonte é azul e os lagos azues.

A lua olha o mar e pratea suas ondas.

O sol olha as flores e as flores se abrem.

A lua, deosa do somno e da soledade, olha a terra, e a terra, envolvendo-se em um silencio solemne, parece quedar-se adormecida.

O iris olha frente a frente as nuvens e debuxa seus mantos de cores bellissimas.

O menino olha o ancião, e com aquelle olhar sorridente, cheio de luz, parece que quer dizer:

— Eu venho.

O ancião olha o menino, e com aquelle olhar lugubre, parece que quer dizer:

— Eu me vou.

O cypreste olha o céu e parece que nos assignala o caminho da eternidade.

Separai com um forte muro duas almas que se adorão; vigiai constantemente dois seres que se amão; ponde espias ao amor. Naquelle muro ha uma gelosia, brilha um olhar. Vossos cuidados hão sido inuteis, escassos vossos esforços, esteril vossa precaução.

Os amantes se hão comprehendido. O olhar é o telegrapho de sua alma.

Me dás teu amor ou te mato  
Dizem uns olhos negros;  
E dizem uns olhos azues  
Me dás teu amor... ou morro.»

Uns olhos azues, quando olhão, são indubitavelmente a melancolia que supplica e chora.

Uns olhos negros, quando pedem amor, enlouquecem e ameaçam.

Os primeiros os hão sonhado os anjos no nosso céu.

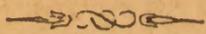
Os segundo as huris do paraíso de Alah.

Indubitavelmente, leitoras minhas, desde o berço ao sepulchro, são os olhos o transparente crystal onde se reflectem sempre os sonhos tranquilllos e as grandes lutas de nossa alma

ANTONIO GRILLO.



## TENTAÇÃO



Quando contemplo teus formosos olhos  
Brilha em minh'alma rutilante aurota;  
Brotão mil soes dessas pupillas negras,  
E minha vida de illusões se inflora.

Se tua mão comprimo levemente  
Estranha sensação meu ser agita,  
Em borbotões o sangue se alvoroça,  
Descompassado o coração palpita.

Se fallas, julgo ouvir nos labios rubros  
O suspirar d'uns tímidos harpejos,  
—As mansas vibrações que nos recordão  
Uma chuva sympathica de beijos.

Porém, se entre meus braços te comprimo  
N'um selvagem transporte de alegria,  
Em volupias de amor eu me arrebatô  
Até onde não sonha a phantasia.

Um subito devaneio me enlanguece,  
E a ti tambem, que nos teus olhos leio,  
Quando a vista mergulho fascinado  
Nos profundos abysmos de teu seio.

Eu bem sinto, mulher, que nesse instante  
Se agitação dentro em nós iguaes desejos;  
Mas o *dever* obriga a *condensar* il-os  
N'uma torrente indomita de beijos.

SILVINO VIDAL.

Rio Grande—1880.



## FORMOSA E SPERIDINA



E' perigosissimo, no paiz das fadas, maltratar, mesmo involuntariamente, os animaes que o acaso nos apresenta, porque podem ser espiritos occultos sob esses disfarces, e as violencias que se lhes fazem soffrer, jamais ficão impunes. Em troca os bons tratamentos de que se usa para com esses genios metamorphoseados, são sempre seguidos de alguma recompensa.

Uma joven castellã casada ha seis mezes, encontrando em uma alea de seu parque um pobre escaravelho, que formigas ruias levavão ao seu formigueiro para devoral-o, abaixou-se para tirar o pequeno animal, o que custou-lhe não poucas dentadas das formigas indignadas

Apenas cumprio ella este acto caritativo, que o pequeno animal tomando de subito o talhe da formosura humana, tornou-se uma bella mulher de cabellos dourados, de tez de lirios e rosas, de olhos azues onde brilhava uma doce magestade

Ella pegou na mão da joven esposa e disse-lhe com voz melodiosa :

— O filho que derdes á luz, será a menina mais formosa e mais espirituosa do mundo.

Fallando assim, a fada desapareceu. A' alguns passos dali, a joven, pensando nesta maravilhosa aventura, que a transportava de alegria, não apercebeu uma serpente, que atravessava o caminho, de sorte que pisou-lhe na extremidade da cauda.

A serpente silvou, alçou o collo e com ar terrível disse á castellã :

— Não vos tiro o que minha irmã acaba de conceder-vos, mas o que vos dou reduzirá o seu valor á metade.

Perturbada por estas palavras obscuras e ameaçadoras, a joven esposa voltou á casa mui inquieta. Guardou todavia silencio sobre esta dupla aventura.

Alguns mezes depois, a joven castellã deu á luz duas gêmeas, das quaes á principio uma pareceu de uma belleza sorprendente — e a outra de uma fealdade espantosa.

— Ah! eu temo, disse a mãe, encarando-as com tristeza, que cada uma de minhas filhas não tenham senão a metade do que constitue o amavel.

Instarão para que ella se explicasse, e, desta vez, ella contava o que lhe acontecera na alea do parque, mezes antes.

As duas meninas viverão — crescerão juntas, e o mau prognostico da fada verificou-se. A que chamavam se Speridina, desde a sua mais tenra infancia mostrava a sua rara intelligencia; nada fazia, que não fosse com proposito — sua conversação era cheia de encantos, os mais agradáveis discursos escapavão-se de seus labios, como a limpida nascente jorra do rochedo Junto della esquecião mesmo sua fealdade, e não affectava menos seu talhe que seu rosto.

A outra a quem chamavão Formosa, era bella, mas oh! não tinha uma centelha de espirito: em esse ponto somente louvavel, conhecia sua simplicidade, e a confessava com tocante ingenuidade.

Enfim, Formosa e Speridina erão doces e boas, e sobretudo affeioadas uma á outra. Cada uma sentia para sua irmã esta affeição nativa que frequentemente se nota entre os gêmeos.

Se alguma cousa pudera consolar os pais de ver uma de suas filhas tão estúpida e outra tão bella, era a amizade perfeita que as unia.

Ellas se preferião uma á outra — fazião valer

se á porfia, como se cada uma procurasse no seu genio de que completar-se a si mesma.

Se olhares de compaixão se detinhão sobre o rosto disgracioso de Spiridina, ella dizia :

— Não vos amercieis de mim, a belleza de Formosa é para nós ambas.

Sobre este exemplo, ás vezes, a mesma Formosa achava cousas desagradaveis, que o coração inspirava-lhe. Um dia que Speridina ajudava-a a sustentar uma conversação, ella exclamou ingenuamente :

— Oh! como tenho espirito, quando fallas!

De ordinario, se dirigião á Formosa uma questão, que a embaraçava, ella com um olhar convidava a Speridina a responder por si, o que era logo feito, e então ella acrescentava timidamente :

— Minha irmã diz-vos o meu pensamento.

Um mancebo da vizinhança, chamado Gloridan, que por si só tinha abundantemente as vantagens que a serpente repartira entre as duas irmãs, vio Formosa no passeio e namorou-se della.

Elle ainda não havia travado relações com ella e não imaginava que houvesse tão pouco espirito sob tanta formosura.

Entretanto disso deu elle fé desde a primeira visita; sem duvida ligar-se-hia áquella, se Speridina não tivesse assistido á entrevista.

Formosa não podia viver sem ella, e desta vez, tomando a peito que Gloridan se não aborrecesse da sua companhia, ella teve o cuidado de demorar sua irmã junto a si.

N'uma posição tão delicada, a engenhosa Speridina soube tomar parte na conversação, com tão feliz habilidade, e fazer tão bem valer Formosa, que o mancebo ficou totalmente illudido ácerca do merito dessa pessoa, e deixou-a com a idéa de que ella era mais amavel do que elle então julgava.

O tempo que gastou nesta primeira visita pareceu-lhe mui curto, tanto que fez segunda.

O mesmo artificio lhe fez desejar uma terceira. Por fim não deixou passar mais um dia sem que viesse render suas homenagens a estas damas, encontrando junto dellas tudo o que enfeitica os olhos e o espirito.

Ordinariamente elle collocava se entre as duas, inclinando um pouco a frente para o lado de Formosa, sobre quem seus olhos naturalmente se dirigião; elle prestava attenção com prazer aos discursos de Speridina, e, por algumas palavras soltas a proposito, elle provocava seus ditos espí-

ritosos, seus contos encantadores, suas reflexões vivas ou locantes.

Formosa não deixava de dizer algumas palavras. Se Gloridan dirigia-lhe a palavra, ella sabia responder-lhe bem a proposito: *sim ou não* — ou *como vos approuver* — ou eu não quizera dar-vos esta pena.... Se a resposta era um pouco difficil, fiel ao seu costume de procurar seu pensamento na alma de Speridina, ella dizia: *perguntai á minha irmã*.

Ao menos ella sabia, com uma simples admiração, achar um prazer ingenuo nas palavras que ella ouvia-lhe pronunciar. Apenas ellas escapavam dos labios de Speridina, que Formosa adoptava-as como suas e enrubescia modestamente com os elogios que ellas attrahião á sua *alter ego*.

Com o tempo as illusões de Gloridan cessarão, elle vio então cada irmã tal qual era. Então aconteceu uma cousa bem desgraçada; foi o caso: este mancebo, que até então fôra unicamente seduzido pela belleza de Formosa, igualmente captivou-se pela amabilidade de Speridina, a ponto de sentir-se repartido entre ellas ambas, ou antes de amar as duas ao mesmo tempo.

Entretanto situação tão bizarra não podia durar, e elle ia ser obrigado a pronunciar-se definitivamente. As duas irmãs observavão sua perturbação e o seu embaraço: ellas adivinhavão a causa, mas, ainda que ambos fossem namoradas de Gloridan, de seu lado, cada uma tinha remorsos de arrebatá-lo á outra.

— És tu que és amada, dizia a bella.

— Não, é impossivel! respondia a amavel, e eu lhe não perdoarei de ter assaz mau gosto de preferir-me á Formosa.

E, portanto, um dia em que Speridina estava mais agradável que de costume, Gloridan, fascinado, correu ao pai para pedir-lhe uma entrevista secreta, e, depois de fazer-lhe uma humilde reverencia, disse-lhe com tom solemne:

— Senhor, se me não achas indigno, supplicovos um tom alto favor.... peço-vos que me concedais....

Ia proseguir, quando Formosa appareceu subitamente, atravessando de improviso o terraço onde elle achava-se com o pai. Na passagem ella dirigiu-lhe um olhar e um sorriso, e esta duvida arremçou-o repentinamente na sua primeira duvida.

Como elle ficasse calado e não acabasse a phrase começada, o pai disse-lhe com toda a polidez:

— Que desejais, senhor, que quereis que vos conceda?

— Cedei-me, replicou Gloridan, que não sabia como sahir do seu embaraço, cedei-me, senhor, o galgo com que caçamos ante-hontem....

O pai, a quem a solemnidade do pedido preparava para outra cousa, cedeu o galgo, mas custou-lhe bastante dissimular o seu mau humor.

Quantas vezes o namorado Gloridan não pediu ao ceo livrar-lhe o seu amor por uma ou por outra das duas gêmeas, de fazer-lhe parecer a estúpida menos bella, uma feia menos amavel! Quanto mais prolongava sua assiduidade junto ás duas irmãs, mais sentia-se attrahido por um ou outro lado!

— Vereis, dizia o pai á sua mulher, tendo nós duas filhas, não casaremos nenhuma.

Foi assim que a obra de uma ruim fada tornava toda uma familia desgraçada e desesperava a Gloridan.

Na vizinhança ja se cochichava das visitas do mancebo e perguntava-se o que significava esta frequencia.

Muitos pretendião que o bello cavalheiro não procurava senão um agradável passatempo, e que nunca esposaria a estúpida Formosa, nem a feiosa Speridina.

O pai, de mais a mais descontente com esta lentidão, emfim pediu-lhe que puzesse termo ás suas assiduidades; então Gloridan tomou o partido de explicar-se, e fez-lhe o mais singular pedido que jamais mancebo algum fizera.

— Senhor, disse elle ao pai, ha muito tempo que desejo de todo o meu coração obter de vós um favor, que fará, se m'o não concedeis, a desgraça de minha vida. Amo apaixonadamente as vossas duas filhas; peço-vos que me deis uma dellas para minha esposa e ficai certo de que serei inconsolavel de não poder obter a outra.

O pai surprehendeu-se de um pedido tão estranho, e não deixou de testemunhar o seu descontentamento.

— Cumpre-vos escolher e determinar, disse o pai um pouco rudemente ao mancebo; depois, eu e minha mulher veremos o que temos a resolver.

— Mas, senhor, acho-me incapaz de fazer esta escolha, o meu coração e o meu espirito fluctuão duvidosos. Se não vos dignaes livrar-me deste embaraço, peço-vos, convidar as vossas filhas para que ellas mesmas decidão de minha sorte.

O pai, que desejava muito estabelecer suas

filhas, e além disso julgava, a todas os respeitos, seu visinho um bom partido, accedeu aos seus desejos, e deu parte ás suas filhas da resolução que o joven senhor exprimira

Entre ellas então houve um combate de generosidade.

Formosa estava plenamente convencida que Speridina concorreria melhor para a felicidade de Gloridan, e dizia, com muito proposito para uma tola :

— Envelhecerei, e nada mais terei para agradecer-lhe.

De seu lado Speridina não tinha mais que mirar-se no limpido canal que bordava o jardim do castello, para persuadir-se que Gloridan choraria Formosa logo que ella se tornasse sua mulher.

Um dia, em que ella estava sentada á borda desse canal, e mirava se na agoa, porque, feia como era, ella não perdia occasião que se lhe apresentava de observar seu rosto, dizendo que queria acostumar-se á sua fealdade, e que ella seria mui desgraçada, se, vindo um dia á esquecer-a, fosse forçada a renovar conhecimento com seu rosto.

Speridina, no momento em que sua irmã acabava de estreital-a em seus braços com estranha vivacidade, sentio que alguma cousa de extraordinario passava-se em si.

Dirigio os olhos ao canal, e deu um grito de surpresa.

Pendida sobre a agua transparente, ahi ella vio não a sua imagem, mas a de Formosa.

Voltou-se immediatamente, com a idéa de que era sua irmã e não ella que ali estava; Speridina achava-se só á borda do canal.

Levanta-se sobresaltada, observa-se e vê suas mãos, seus braços e seu talhe maravilhosamente embellesados.

Perturbada fora de si, corre para o castello, chamando sua irmã.

— Formosa, minha cara Formosa, onde estás tu?

O pai, a mãe, e Gloridan, que então achava-se no castello, vierão ao seu encontro e perguntarão-lhe o que ella pensava.

Julgavão-n'a louca.

— Minha filha, disse a mãe chorando, torna-te a mim! Porque assim chamas a ti mesma?

— Bella Formosa, disse Gloridan, sois vós a mesma que nós vemos, e vamos juntos procurar Speridina.

— Não, não, crede-me! é Speridina quem vos falla, tão mudada como ella vos parece. Ou antes... mas para que dizer-vos o que eu suspeito, o que eu experimento, vós o não adivinhareis? Pessoa sensata só affirma o que pode provar. O que passa-se em mim é inteiramente extraordinario; e o meu sentimento intimo que dá-me a ventura, só a mim pode persuadir. E' ao poder superior que acaba de manifestar-se em meu favor, á elle só cumpre proclamar e patentear sua obra.

As tres testemunhas desta scena estranha, igualmente estupefactas, reconhecião a voz, a linguagem e o espirito de Speridina; porém, para tudo o mais, quem elles vião era Formosa em pessoa.

Dizendo Speridina que acabava de deixar o canal, para lá correrão todos com ella afim de verificarem se a irmã ainda ali achava se.

Não virão pessoa alguma, e ninguém respondeu aos seus chamados.

— Mas, em nome do céu, Speridina ou Formosa, disse o desgraçado pai, o que fazias neste lugar no momento em que passava-se tão estranha aventura?

— Acabava eu, respondeu Speridina, de salvar a vida a um pequeno gato negro que vedes sobre esta parede, occupado á seccar ao sol seu pello molhado. Cahira elle no canal, onde ter-se-hia affogado, se eu não viesse em seu soccorro. Nesse mesmo instante, minha irmã que vinha de apertar-me em seus braços com um maravilhoso movimento de ternura, desapareceu repentinamente; não prestei attenção a isso julgando que ella passava por traz da canniçada. Quanto a mim, parecia-me que eu tomava uma nova fórma, e esta sensação deliciosa affigurou-se-me ser o effeito do prazer que eu sentira, salvando a vida á uma pobre creatura. Foi então que, inclinando-me sobre a borda do canal, vi-me outra mui differente da que era.

— Não vos surpreendaes, Speridina, disse o gato negro que enchugava-se ao sol; salvastes-me a vida, e eu dupliquei a vossa, d'ora avante ao mesmo tempo Formosa e Speridina. Reuni, apoz deseseis annos o que uma ruim fada separara no seio de vossa mãe. Felizes pais! vós não tendes mais do que uma só filha e esta não tem rival no mundo. De mais, ella attingirá os limites ordinarios da vida, no entanto as duas irmãs, que partilharão a somma dos dias acordados pela natureza á uma e a outra, morrerião ambas na primavera

da vida e vos precederão no tumulto. Gloridan, agradecei ao ceo porque não tereis mais as angustias da duvida; a unica mulher, de quem sereis verdadeiramente o esposo, juntará, para agradar-vos, a belleza de Formosa ao espirito de Speridina.

Dizendo estas palavras, o gato pulou da parede, e, tocando a terra, transformou-se em uma linda mulher de cabellos de ouro, olhos azues, e tez de liz e rosas.

— Eis aqui a minha boa fada! exclamou a castellã. O' minha fiel protectora, creio, nada ter perdido, tenho sob uma só figura as minhas duas filhas. Meus amigos, observemo-nos bem, e acautellemo-nos de pisar em alguma serpente, que dividiria talvez ainda o que o céo acaba de reunir!

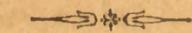
Alguns dias depois, as nupcias de Gloridan e Speridina forão celebradas.

A fada dignou-se honral-as com sua presença.

\*\*\*



## ADEUS!



*Lass mein Aug' den Abschied sagen,  
Den mein Mund nicht nehmen kann.*

GETTIE.

Passou breve; — qual a rosa,  
Que abre, emmurchece e cae,  
A esperança nasceu hontem,  
Hoje comtigo se vae.

Deixa, sim, que ao despedir-me  
Da fanada e triste flor,  
Chore. — Que os olhos reflectão  
A immensidade da dor.

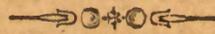
No pranto que corre a fio  
Ha mais vida, mais acção.  
A voz exprime as idéas  
O pranto exprime a paixão.

Se o coração se biparte  
Na despedida fatal,  
A boca torna-se muda  
Os olhos - manancial.

A. C.

Porto Alegre

## A SEGADORA



Segadora moreni'a,  
Tão bonita,  
D'olhos pretos de encantar:  
Mais alegre, mais formosa  
Do que a rosa,  
Donde vens tu de ceifar?

Negras tranças ondeadas,  
Desatadas,  
Folgaõ ao vento correr;  
Folga o vestido singelo,  
Que o mais bello,  
Mais bello pé deixa ver!

Camponeza, onde nasceste,  
Que pudeste  
Tantas graças conseguir?  
És d'Alhambra? Não respondes?...  
Porque escondes  
A meiga fronte a sorrir?

Onde nasceste? — Em Sevilha;  
Maravilha  
Como tu não cobre o céo;  
Chamas-te Pepa? — Pepita,  
Morenita.  
Ai! que lindo é o nome teu!

Vem contemplar segadora,  
Mais uma hora,  
Do campo o floreo matiz;  
Emquanto o sol brilhar vemos,  
Cantaremos  
As canções do teu paiz.

Camponeza feiticeira  
Tão ligeira,  
Não fujas do meu amor.  
Não me leves a alma presa  
Na belleza  
P'esse rosto encantador!

Tu sorris e vais avante,  
Doudejante,  
Apartando-te de mim:  
Não fosses tu, morenita,  
Ai, Pepita,  
Quem não te amaria assim!

EDUARDO VIDAL.